



## **NOTAS SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NUMA PERSPECTIVA MIDIÁTICA: UMA POSSIBILIDADE DE GERENCIAMENTO DA VIDA**

Bárbara Hees Garré<sup>1</sup> - Universidade Federal do Rio Grande/FURG  
Pesquisa com Apoio material e financeiro da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal  
de Nível Superior – CAPES/Brasil

**RESUMO:** Este trabalho é um recorte de Tese, que tem como proposta central analisar a Educação Ambiental como um dispositivo biopolítico na atualidade. Neste texto o recorte se situará num estudo de alguns discursos que tratam da Educação Ambiental na mídia impressa, especificamente de algumas reportagens da Revista Veja. Aqui, entende-se a mídia como um importante campo de produção de subjetividades, que interpela os sujeitos e vai constituindo suas formas de ser e viver no mundo contemporâneo. Na revista selecionada evidencia-se um grande número de edições com reportagens voltadas para a problemática ambiental, vinculando esta a ideia de crise do planeta. Quanto à questão metodológica, opera-se com a análise do discurso a partir de Michel Foucault, fazendo uso de algumas ferramentas analíticas. As discussões realizadas até o momento provocam a pensar a Educação Ambiental para além da impregnação naturalista e romântica do “contato com a natureza” e dos discursos de periculosidade tão veiculados acerca da questão ambiental. Entende-se que tais discursos referem-se a estratégias de segurança e controle da sociedade, já que os enunciados em análise colocam fortemente em questão o “futuro do planeta”. Nesse trabalho provoca-se o leitor a olhar de outra forma o campo da Educação Ambiental.

**Palavras-chave:** Educação Ambiental; Mídia; Relações de Poder e Discurso.

### **PRIMEIROS ANÚNCIOS**

Neste texto pretendo analisar alguns discursos que tratam da temática da Educação Ambiental na mídia impressa, mais especificamente os divulgados na Revista Veja, nos últimos anos. Importante ressaltar que tal estudo é um recorte de Tese que tem como temática central “A Educação Ambiental como um Dispositivo Biopolítico na Atualidade”. Nessa empreitada de pesquisa entendo a mídia como um importante campo de produção de subjetividades, que interpela os sujeitos e vai constituindo suas formas de ser e viver no mundo contemporâneo. A mídia aqui se constitui em importante estratégia biopolítica de propagação de tais ditos acerca da Educação Ambiental. Tais ditos não dizem respeito apenas a um indivíduo, estão direcionados e conduzindo a vida das populações.

---

<sup>1</sup> Pedagoga. Mestre em Educação em Ciências e Doutoranda do PPG em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande. Bolsista CAPES. e-mail: [barbaragarre@gmail.com](mailto:barbaragarre@gmail.com)

Assistimos cotidianamente discursos vinculados a problemática ambiental que reverberam em nossas vidas e que colocam em evidência a questão da continuidade do futuro do planeta. Dessa forma, a Educação Ambiental toma força e vem se constituindo num campo de visibilidades, principalmente na mídia. Nessa correnteza, somos persuadidos a jogar o jogo da preservação do planeta e da espécie humana, modificando hábitos e atitudes, produzindo um outro modo de vida: o *ecologicamente correto*.

Aqui quero colocar em evidência alguns discursos de periculosidade e medo propagados na Revista em análise. Em tais ditos há um chamado que nos faz crer que, caso não mudemos nossas atitudes com o meio ambiente, dificilmente teremos este mundo para viver ou pelo menos para viver de forma digna.

A escolha da Revista Veja para compor o *corpus* discursivo desta Pesquisa se deu, primeiramente, pela sua ampla circulação em nível nacional e por se constituir em um dos mais conhecidos veículos de comunicação em nosso país. Dessa Forma, situo o trabalho num estudo das reportagens da revista a partir da década de 90, década esta em que há uma forte acentuação das preocupações voltadas à crise do meio ambiente no Brasil. Em pesquisa prévia constatei um número significativo de edições ao longo destes 20 anos, preocupadas com a problemática ambiental. Tal amplitude dá visibilidade ao entendimento de crise que é conferido à questão ambiental nas duas últimas décadas. Para este texto selecionei alguns excertos de reportagens dos últimos cinco anos e que foram reportagens destaque da revista.

Nesse trabalho opero com algumas ferramentas foucaultianas para fazer a análise do discurso. Visualizo neste momento as ferramentas de discurso e relações de poder. Destaco que minha intenção é problematizar, discutir, indagar, analisar os discursos, ficando no nível do que está dito e simplesmente do dito. Assim, minha tentativa não é de descobrir quais discursos são verdadeiros ou quais são falsos, mas sim colocar luz no discurso, aqui nos discursos de Educação Ambiental que vem sendo proliferados nessa mídia impressa.

O filósofo francês não delimita um método de fazer análise do discurso, é avesso a qualquer possibilidade rotulável e de uniformização. O que ele nos possibilita são algumas pistas, nos colocando à disposição, caixas de ferramentas para operarmos de forma analítica. Não podemos dizer que qualquer coisa é aceitável para se fazer análise do discurso. É necessário compromisso teórico ao utilizar as ferramentas analíticas foucaultianas. Estas ferramentas são produtivas para algumas análises e algumas discussões. Entendo que para o trabalho aqui pretendido essas ferramentas são potentes e produtivas. Foucault em entrevista

concedida a Roger Pol-Droit fala de suas obras e do quanto elas podem servir como caixas de ferramentas:

Todos meus livros, seja História da Loucura seja outro podem ser pequenas caixas de ferramentas. Se as pessoas querem mesmo abri-las, servirem-se de tal frase, tal idéia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, para produzir um curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas de que meus livros resultaram... pois bem, tanto melhor! (FOUCAULT *in* POL-DROIT, 2006 p. 52).

Pois bem, dadas a primeiras balizas passemos as discussões!

### **COLOCANDO LUZ EM ALGUNS DISCURSOS MIDIÁTICOS ACERCA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

A proliferação dos problemas ambientais vem tomando força e potência em nossas vidas cotidianas, conduzindo nossas ações mais corriqueiras, principalmente nas duas últimas décadas. A mídia tem sido uma das formas de grande propagação, através de campanhas, programas de tv e grandes reportagens nas quais somos interpelados a cada momento, convidados a participar da grande campanha mundial para *Salvar o Planeta* e assim, vamos nos responsabilizando cada vez mais por nossas atitudes individuais e coletivas.

Nas reportagens analisadas há um forte chamamento para os riscos e perigos quanto à continuidade de vida na terra, caso não tomemos algumas atitudes. Assim, com chamadas de capa persuasivas e intrigantes somos convidados e/ou convocados a participar da grande campanha mundial, pois *o futuro depende de nós*. Com tais chamadas se torna difícil resistirmos e não participarmos da ordem do discurso de crise ambiental tão em voga na contemporaneidade. Dessa forma acabamos persuadidos seja em ações diárias como a coleta seletiva, a economia de água, seja ao consumirmos determinados tipos de produtos, pois geralmente escolhemos os menos agressivos ao meio ambiente e de empresas que façam algo em prol da sustentabilidade. Afinal, é a vida que está em perigo!

No excerto abaixo, retirado de uma grande reportagem de dezembro de 2009, há um chamamento para a necessidade de atitudes sustentáveis em prol da natureza, pois a chamada de capa já propõe uma reflexão para o ano seguinte: “2010, o ano zero da economia sustentável”.

As dez ideias e posturas de um novo mundo<sup>2</sup>  
1 Ecodesign – a reinvenção da luz;  
2 Carros Elétricos  
3 Executivos Verdes  
4 Energias Renováveis

---

<sup>2</sup> Chamada de reportagem da Edição da Reportagem 2145 de 30 de dezembro de 2009.

- 5 Logística Reversa
- 6 Responsabilidade
- 7 Propaganda
- 8 Globalização 2.0
- 9 Capital natural
- 10 Créditos de Carbono (REVISTA VEJA, 2009, p. 216).

Com isso, a mídia vem se constituindo como uma Pedagogia Cultural, que ensina e educa. Essa Pedagogia indica modos de fazer, de se comportar, de consumir e de desejar, produzindo e gerenciando a vida das pessoas. Assim, a mídia tem se constituído como referência e espaço privilegiado de circulação de novas aprendizagens. Não apenas exibindo determinados gestos, informa acontecimentos, mas cria um novo jeito, uma nova e específica maneira de viver e experimentar o contemporâneo. A mídia entendida como Pedagogia Cultural se constitui em lugar de aprendizagem para além da Escola. E nesse caso como lugar de aprendizagem para atitudes *ecologicamente certas*, produzindo dessa forma, nossas vidas públicas e privadas.

Penso que os discursos midiáticos colocados em circulação legitimam verdades que se reverberam como opinião pública – e esses jogos de verdade acabam por engendrar e produzir modos de vida. Vejo que a Educação Ambiental constitui-se como um desses discursos legitimados pela mídia e que operam no nível do coletivo para atingir o indivíduo em suas ações diárias. A mídia vai ensinando como as pessoas devem agir frente à crise ambiental.

Salvar a Terra – como essa ideia triunfou  
Militância ecológica: dos “verdes” aos radicais do “planeta sem gente”  
Consciência ambiental: filho único; camiseta de fibra reciclada; sacola de fibra natural; fralda de pano; alimentos orgânicos; cantil (para evitar garrafas pet); calça de algodão orgânico feita à mão; bicicleta 0 de CO<sup>2</sup>; sandálias com lona de pneu reciclado (VEJA, reportagem de capa, outubro de 2007).

Levar os produtos usados de volta aos fabricantes, é tendência natural – falta apenas combinar com o consumidor.<sup>3</sup> (VEJA, 2009, p. 246).

Antes, não tínhamos receio em desbravar o mundo. Hoje, estamos aprendendo a viver numa nave lotada, e de recursos restritos. O caminho para enfrentarmos as enrascadas globais passa pelo nascimento de uma cidadania planetária<sup>4</sup> (VEJA, 2009, p. 258).

Visualizo nos excertos acima o quanto a mídia ensina e constitui formas de ser e viver através de uma Pedagogia. Ela dita o que fazer e como fazer e assim vai direcionando e conduzindo a vida de cada um. Assim, olho para alguns discursos midiáticos e coloco-me a pensar sobre a fabricação de verdades no campo da Educação Ambiental. Entendo esse campo de saber como estratégia de controle da vida social, tão bem difundida pelos meios de

<sup>3</sup> Excerto retirado de reportagem da edição 2145.

<sup>4</sup> Excerto retirado de reportagem da edição 2145.

comunicação, aqui especialmente a Revista Veja. Articulo tal estratégia ao que Foucault conceituou de biopoder (2005; 2008), um poder sobre a vida, agindo com técnicas de prevenção e seguridade pelo bem-estar da massa de indivíduos. O biopoder tem como alvo a população, mas para isso precisa capturar individualmente cada sujeito, para que juntos ajam em prol do planeta. Todos e cada um fazem parte desse jogo.

Assim, os discursos proliferados na mídia acerca das problemáticas ambientais e da recorrente preocupação com o fim do planeta me levam a pensar que tais ditos não se dirigem apenas para um sujeito, mas para o coletivo que deve, junto, se mobilizar para que ações individuais repercutam na transformação do meio ambiente e contribuam para “Salvar a Terra” (Veja, reportagem de capa, outubro de 2007). Percebo, então uma forte articulação com o biopoder – um poder sobre a vida – tecnologia de poder que estaria relacionada e endereçada a população.

Na correnteza com Foucault podemos dizer que a partir do século XVII surge a preocupação com a vida, de duas formas diferentes, que não são contraditórias, mas que se interligam e se fortalecem mutuamente. A primeira é a preocupação com o corpo individual, com o homem-corpo, aplicando técnicas de adestramento e vigilância, ampliando as aptidões, tornado os corpos dóceis e úteis para atender às exigências modernas. Foucault (1985 e 2002) caracteriza essa primeira forma como uma anátomo-política do corpo humano que se exerce pelo poder disciplinar. Já na segunda – que surgiu em meados do século XVIII – há uma preocupação com o corpo-espécie, com o homem enquanto ser vivo, pertencente de uma população, centrando-se em processos de longevidade, saúde, nascimentos, mortes e todas as variáveis relacionadas a vida, constituindo assim uma bio-política da população (FOUCAULT, 1985; 2005 e 2008). Essas estratégias de exercício do poder, seja pelas técnicas disciplinares, seja pelas tecnologias biopolíticas são colocadas em operação conjuntamente, não se constituindo em pólos antagônicos, muito pelo contrário. O que podemos dizer é que em determinados momentos uma se exerce com mais potência do que a outra.

Assim, passo a olhar alguns discursos de Educação Ambiental, tão divulgados na mídia, que coloca em operação tanto a tecnologia do biopoder quanto a tecnologia disciplinar. Nos excertos abaixo apresentamos o quanto a disciplina e o biopoder se exercem conjuntamente em alguns enunciados.

A vida sem papel higiênico

[...] se submete há um ano à experiência de **viver sem causar nenhum dano a natureza**. Isso inclui **dispensar o papel higiênico, iluminar a casa com velas,**

**evitar os eletrodomésticos e só andar a pé ou de bicicleta** (Veja, outubro de 2007, p. 93) [grifos meus].

No Ártico, o ritmo da elevação da temperatura na atmosfera é o dobro da média global. A calota gelada do Oceano Ártico deve desaparecer totalmente durante o verão a partir de 2060. Na escala geométrica meio século é um piscar de olhos [...] **Ninguém pode ficar indiferente dessas mudanças** (Veja, p. 78, abril de 2007)<sup>5</sup> [grifos meus].

Aqui é necessário que cada um faça a sua parte pelo planeta, andando de bicicleta para não poluir o ar, utilizando velas ao invés da eletricidade e até mesmo dispensando o uso do papel higiênico. Mas não basta apenas fazer a sua parte, é preciso ficar atento as mudanças necessárias, se preocupando e agindo a serviço da coletividade. Com tais ações o planeta terra e, conseqüentemente, a população serão beneficiados. Percebo com chamadas como esta um forte apelo para que o sujeito disciplinado atenda ao convite, realizando ações diariamente, pensando no bem-estar da maioria dos indivíduos. Assim, o biopoder captura-nos para que em nosso cotidiano façamos o melhor para a continuidade da vida no planeta.

Importante destacar que o conceito de poder que opero é da ordem da produtividade, para além de questões boas ou ruins. Entendo, a partir de Foucault que o poder é algo que se exerce em relação e não algo que se detém, pressupondo um agir sobre a ação do outro. O poder é assimétrico e está relacionado a produção do saber.

Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz prazer, forma saber, produz discurso (FOUCAULT, 1990, p. 08).

Dessa forma, opero com os conceitos de poder disciplinar e biopoder os entendendo como importantes tecnologias de governo, seja do governo de cada um, seja do governo das populações. Vejo no exercício das estratégias biopolíticas uma arte de governar, uma governamentalidade que tem como foco principal a manutenção da vida e para tanto se utiliza dos dispositivos de segurança para garantir o bem-estar da população, protegendo-a e prevenindo-a contra os males e os prováveis perigos que possam vir a acontecer. Assim, o biopoder tem nos mecanismos de previsão, estatística e probabilidade, importantes ferramentas de mapeamento e diagnóstico. Essas ferramentas possibilitam traçar calculadamente, as estratégias de prevenção, garantindo a seguridade dos indivíduos, prevendo o que poderá ocorrer no futuro e agindo para impedir que algo coloque em perigo a vida da população. Foucault argumenta que “(...) a nova tecnologia que se instala se dirige à

---

<sup>5</sup> Trecho da Reportagem Especial da edição número 2003.

multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc” (FOUCAULT, 2005, p.289).

Destaco que o biopoder tem como foco a gestão da vida da população, centrando-se em processos de “fazer viver”. Nas sociedades biopolíticas a população não é vista como uma massa de indivíduos que ocupam determinado território. Aqui a vida entra em cena com todos os aspectos que lhe são próprios, econômicos, sociais, culturais e ambientais. O foco é fazer crescer, é multiplicar as forças, melhorando a situação da população, aumentando as riquezas, prolongando a vida, investindo na saúde, cuidando do meio ambiente.

De que se trata nessa nova tecnologia de poder, nessa biopolítica, nesse biopoder que se está instalando? Eu lhes dizia em duas palavras agora há pouco: trata-se de um conjunto de processos como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, taxa de reprodução, a fecundidade de uma população, etc. São esses processos de natalidade, de mortalidade, de longevidade que, justamente na segunda metade do século XVIII, juntamente com uma porção de problemas econômicos e políticos (os quais não retomo agora), constituíram, acho eu, os primeiros objetos de saber e os primeiros alvos de controle dessa biopolítica (FOUCAULT, 2005, p. 289 e 290).

Vejo nas estratégias biopolíticas uma gerência da vida muito mais sutil, muito mais espalhada por todo o corpo social. Uma estratégia de defesa da sociedade. Olho para a Educação Ambiental e os discursos tão em voga na mídia e visualizo tal estratégia de gerenciamento da vida em operação, convocando cada um e todos a fazerem a sua parte para que não ocorra “O Fim do Mundo” (Veja, reportagem de capa, dezembro de 2009).

Talvez se possa assim, de maneira global, pouco elaborada e portanto inexata, reconstruir as grandes formas, as grandes economias de poder no Ocidente: em primeiro lugar, o Estado de justiça, nascido em uma territorialidade de tipo feudal e que corresponderia a grosso modo a uma sociedade da lei; em segundo lugar o estado administrativo, nascido em uma territorialidade de tipo fronteiro nos séculos XV e XVI e que corresponderia a uma sociedade de regulamento e de disciplina; finalmente, um Estado de governo que não é mais definido essencialmente por sua territorialidade, pela superfície ocupada, mas pela massa da população, com seu volume, sua densidade, e em que o território que ela ocupa é apenas um componente. Este Estado de governo que tem essencialmente como alvo a população e utiliza a instrumentalização do saber econômico, corresponderia a uma sociedade controlada pelos dispositivos de segurança (FOUCAULT, 1990, p. 292 e 293).

Com discursos de medo e terror, somos interpelados e a sensação que se instala é a de que não há escapatória, pois somos nós que destruimos o planeta e acabamos com os recursos naturais. Vejo aqui, uma visão reducionista de Educação Ambiental se propagar, entendendo a divisão entre o homem e a natureza. Assim, através do apelo apocalíptico vamos nos constituindo como sujeitos que precisam preservar o meio em que vivem, respeitar os recursos naturais e as leis da “natureza”, pois caso contrário acertaremos as contas no futuro.

Certamente a crise ambiental é algo instalado em nossas vidas. No entanto, a forma como a mídia muitas vezes vem nos apresentando leva a esta sensação de medo, com seus enunciados apocalípticos do fim de mundo. Pensamos então: até que ponto os veículos de comunicação vem nos ajudando a pensar ecologicamente sem fazer uso/apelo ao medo, à insegurança e à incerteza da vida humana?

Talvez Bauman nos ajude a pensar um pouco como vimos vivendo o medo na atualidade líquida moderna que vivemos:

O que mais amedronta é a ubiquidade dos medos; eles podem vazar de qualquer canto ou fresta de nossos lares e de nosso planeta. Das ruas escuras ou das telas luminosas dos televisores. De nossos quartos e de nossas cozinhas. De nossos locais de trabalho e do metrô que tomamos para ir e voltar. De pessoas que encontramos e de pessoas que não conseguimos perceber. De algo que ingerimos e de algo com o qual nossos corpos entraram em contato. Do que chamamos “natureza” (pronta, como dificilmente antes em nossa memória, a devastar nossos lares e empregos e ameaçando destruir nossos corpos com a proliferação de terremotos, inundações, furacões, deslizamentos, secas e ondas de calor) ou de outras pessoas (prontas, como dificilmente antes em nossa memória, a devastar nossos lares e empregos e ameaçando destruir nossos corpos com a súbita abundância de atrocidades terroristas, crimes violentos, agressões sexuais, comida envenenada, água ou ar poluídos) (2008, p.11) [grifos do autor].

O autor nos provoca a pensar o quanto o medo está cada vez mais esparramado em nossa sociedade e o quão complexo é conseguirmos estancá-lo, detê-lo, barrá-lo, pois ele é escorregadio, vem de diferentes locais, toma uma proporção avassaladora em nossas vidas, a ponto de cada vez mais buscarmos por segurança, por espaços fechados, seguros, vigiados e protegidos de qualquer perigo. Cada vez mais, buscamos por uma vida tranquila e segura, mas será essa uma vida possível no mundo em que vivemos? E quanto aos perigos que não podemos prever, aqueles que nos ameaçam diariamente e que não sabemos como enfrentá-los? Como lidar com tantos medos? Aqui não busco respostas para tais questionamentos, mas simplesmente me coloco a pensar sobre eles. Entendo que um desses medos líquidos modernos refere-se ao fim da vida no planeta

Percebo que alguns dos discursos de Educação Ambiental tendem a regular o cotidiano, sob a ambivalente política da prevenção e do medo. Pois se não fizermos algo em prol da continuidade e da preservação da vida do planeta, estaremos colocando as nossas próprias vidas pessoais e coletivas em perigo. É necessário agir hoje, agora, para que tenhamos um mundo habitável no futuro. Entendemos que discursos como estes que propagam o medo e o terror referem-se muito mais a uma política da periculosidade do que a uma “verdadeira consciência de crise ambiental”, como pregam os amantes da natureza. É muito mais pelos discursos de medo do desconhecido, daquilo que não podemos conter, da



nossa insegurança em relação às catástrofes ambientais que acabamos sendo capturados por tais enunciados. Afinal quando a questão refere-se ao “natural” ao “ambiental”, a natureza se manifestando, todos estão em perigo, não há como escapar, a sensação de impotência toma conta de nossos corpos.

As oportunidades de ter medo estão entre as poucas coisas que não se encontram em falta nesta época, altamente carente em matéria de certeza, segurança e proteção. Os medos são muitos e variados. Pessoas de diferentes categorias sociais, etárias e de gênero são atormentadas por seus próprios medos; há também aqueles que todos nós compartilhamos – seja qual for a parte do planeta em que possamos ter nascido que que tenhamos escolhido (ou sido forçados a escolher) para viver (BAUMAN, 2008, p. 31).

Essas discussões me levam a pensar na correnteza de Bauman (2008) e entender que a política do medo talvez não seja algo novo em nossas sociedades, mas o que talvez seja diferente é a forma como vem se colocando em nossas vidas. Se em outros tempos, nossos medos eram no sentido da redenção, eram medos que tinham a possibilidade da cura – característica esta dos medos morais – os medos líquidos de hoje não têm cura, tomam conta de nossas vidas de forma avassaladora. Esses medos atravessam-nos de forma que não podemos contê-los, eliminá-los, mas acabamos num jogo tensionado com eles. O medo da crise ambiental, o medo pela perda do planeta, o medo pelo fim da vida na terra são alguns dos muitos medos que atormentam nossas vidas na atualidade. O mais aterrorizante desses medos, seja talvez que não temos certezas de como lidar com eles, de como mudar seu percurso e evitar o próximo terremoto ou o próximo furacão ou as próximas inundações de água. Afinal como conter a “Fúria da Natureza”?

## **CONCLUSÕES PROVISÓRIAS**

Ao escrever este texto provo-co-me a pensar o quanto os discursos de Educação Ambiental proliferados na mídia impressa e aqui em especial na Revista Veja, produzem verdades ao mesmo tempo em que são produzidas por elas. Então quais as possibilidades de resistirmos a essa ordem do discurso colocada para o campo da Educação Ambiental através da Mídia? Como não entrarmos neste fluxo? Talvez seja impossível pensarmos numa resistência como ruptura total. Talvez seja deveras difícil não entrar no fluxo, não entrar na ordem do discurso; mas talvez seja possível fazer um exercício de pequenas resistências, pequenas rupturas, pequenos abalos – que movimentem nossas quietudes, nossas certezas,

Portanto, o trabalho que apresento como proposta de Tese tem como intenção mergulhar na pesquisa, abandonando convicções e certezas. Os autores que fundamentam esta empreitada me possibilitam olhar de outra forma para os materiais empíricos,

provocando o pensamento sobre o não pensado. Desta forma, entendo que é um convite e um desafio para olhar de forma diferente o campo da Educação Ambiental, tentando colocar em exercício a liberdade, através de práticas de luta.

## **REFERÊNCIAS:**

BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

COSTA, Marisa Vorraber (org.). *A Educação na Cultura da Mídia e do Consumo*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. 25ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. *Em defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. 4ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. in POL-DROIT, Roger. *Michel Foucault: Entrevistas*. São Paulo: Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. *Segurança, Território e População: curso no Collège de France (1977- 1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.